

LAZER E TRABALHO, NO COTIDIANO DA SOCIEDADE PÓS INDUSTRIAL, A PARTIR DA OBRA DE DOMENICO DE MASI, PUBLICADA NO BRASIL

WORK AND LEISURE IN THE POST-INDUSTRIAL SOCIETY,
FROM THE WORK OF DOMENICO DE MASI,
PUBLISHED IN BRASIL

Nelson Carvalho Marcellino¹
Pesquisadores e estudantes integrantes do GPL²

RESUMO: Resultado de pesquisa bibliográfica, efetuada a partir da obra de DE MASI, o artigo procura refletir sobre as relações entre lazer e trabalho, no cotidiano da sociedade. De MASI é apresentado como sociólogo do trabalho, que trata das questões do ócio e, indiretamente, do lazer, e cujo trabalho tem servido de base para ações nas áreas do lazer, educação e educação física. Alguns pontos destacados são o grande salto tecnológico e a transição da sociedade industrial para a sociedade denominada por ele, de pós-industrial, a previsão da redução do tempo de trabalho e a necessidade de reeducação para a liberação do trabalho e para o ócio criativo, com base na crença no progresso tecnológico como libertador do ser humano. O ócio é ressaltado de uma perspectiva instrumental, relativamente ao trabalho. As características do lazer variam de acordo com os tipos de sociedade. Na sociedade pós industrial, o trabalho não representaria mais a categoria central, pois seria o tempo livre e a capacidade de valorizá-lo que indicariam o destino cultural e até mesmo econômico das pessoas. O autor prega uma “organização pós-industrial”, ou uma “completa e radical transformação mental”. Conclui-se por uma abordagem indireta do lazer, marcada por valores “funcionalistas”, nas nuances “utilitarista” e “compensatória”. O entendimento do lazer se dá na sua “especificidade abstrata”, com base na concepção idealista de sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Trabalho. Ócio.

Introdução e Objetivo

A obra de Domenico DE MASI³, apresenta muitos pontos de sombreamento

¹ Docente da UNIMEP e pesquisador do CNPQ, Líder do GPL - Grupo de Pesquisa em Lazer (Coordenador).

² A relação dos 29 pesquisadores e estudantes que participaram diretamente da pesquisa com nome completo, instituição de origem e endereço eletrônico, poderá ser obtida na home page do GPL, www.unimep.br/facis/gpl – no item pesquisadores.

³ Nascido em 1938, Domenico De Masi, sociólogo italiano, é professor de Sociologia do Trabalho, da Universidade La Sapienza, em Roma, fundador e presidente da S3 Studium, escola de especialização em ciências organizacionais. É presidente da Società Italiana per il Telegoverno (SIT) e do Instituto Nazionale Architettura (IN/ARCH). Atua como consultor organizacional, com serviços prestados à Fiat, IBM, Pirelli e Glaxo, entre outras empresas.

com as questões do lazer, e seus possíveis desdobramentos em termos de políticas institucionais, já a partir de um dos conceitos chaves, no trabalho do autor, o “ócio criativo”.

O trabalho de De Masi vem tendo uma grande penetração, no Brasil, principalmente através da mídia, seja em programas de entrevistas em televisão, revistas semanais e mesmo jornais, a partir do V Congresso Mundial do Lazer, e X ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer, promovidos pelo SESC - Serviço Social do Comércio - SP, e já começa a se tornar embasamento para políticas de ação nas áreas do lazer, educação e educação física, e a ser citado em trabalhos acadêmicos, sem que a própria Academia tenha feito um esforço sistemático para o entendimento mais aprofundado da obra. Pelo menos isso não vem se verificando nos Congressos da área da Educação Física/Lazer, e nas Revistas Acadêmicas.

Procurar entender o conceito de lazer e seus correlatos, presentes na obra da Sociologia do Trabalho, do autor, e seus possíveis desdobramentos para os estudos e a ação no campo do lazer, no Brasil, é o objetivo a que o GPL - Grupo de Pesquisas em Lazer, se propõe, com o projeto de pesquisa “Os tratos teóricos do lazer e seus desdobramentos na obra do sociólogo italiano do trabalho Domenico De Masi”, do qual apresenta aqui, a parte referente à relação lazer e trabalho, no cotidiano da sociedade, caracterizada pelo autor, como pós-industrial.

Procedimentos Metodológicos

Para tanto, o GPL centrou a análise nas obras de De Masi, traduzidas para o português, assumindo os textos traduzidos, portanto, de mais fácil acesso, para a repercussão das idéias, que já se faz sentir, no nosso país.

A pesquisa é bibliográfica, a partir de levantamento inicial feito nos sistemas de bibliotecas da UNICAMP e UNIMEP. Entretanto devido as obras serem muito recentes, o levantamento se revelou insuficiente, tendo sido completado nos sites das editoras.

Foram detectadas sete obras traduzidas para o português e/ou lançadas no Brasil⁴

-
- 4 -A sociedade pós-industrial, datada de 1985; trata-se de uma compilação de artigos do grupo de pesquisadores liderados por DE MASI, com uma introdução feita por ele, que dá título ao livro;
- A emoção e a regra- grupos criativos na Europa, de 1850 a 1950, publicado em 1989. Também organizado por DE MASI, o livro é escrito por autores do grupo S3 Studium, que analisam as estratégias e formas organizacionais de treze grupos considerados criativos, onde é possível maximizar as vantagens do trabalho criativo;
 - Desenvolvimento sem trabalho- publicado na Itália em 1994. Classificado pelo autor como ensaio, apresenta dez teses ligadas direta ou indiretamente ao título da obra;
 - O ócio criativo - Primeira edição na Itália em 1995. Trata-se de uma entrevista concedida à jornalista Maria Selena Palieri, composta por quatorze capítulos, onde são abordados temas como trabalho, ócio, tempo livre, tendo como pano de fundo a passagem da sociedade industrial para a pós-industrial;
 - O futuro do trabalho, fadiga e ócio na sociedade pós-industrial - Original italiano de 1999. Propõe uma ecologia do trabalho e uma valorização do jogo, a partir do desenvolvimento de 15 teses, e da análise do trabalho e vida nas comunidades pré-industriais, e nas sociedades industrial e pós-industrial;
 - A economia do ócio - Publicado em 2001, no Brasil, tem uma introdução de DE MASI, para obras de Paul LAFARGUE e Bertrand RUSSEL, clássicos autores das questões do lazer.
 - Diálogos criativos - Publicado em 2002, no Brasil, trata-se de um debate entre DE MASI e Frei BETTO, mediado por José Ernesto BOLOGNA, dirigido a educadores e jovens.

Procedeu-se as leituras e análises textual, interpretativa e crítica (SEVERINO, 2000), em grupos de trabalho, através da técnica de seminários internos (idem), com elaboração de sínteses parciais, e reuniões plenárias, internas ao GPL, para elaborações de sínteses provisórias.

As sínteses provisórias foram submetidas à discussão da comunidade acadêmica da área, no XIV ENAREL, através de 7 (sete) pôsteres.

Posteriormente, os grupos se reuniram para absorverem as contribuições da comunidade acadêmica e produzirem documentos, apresentados em novo seminário interno, que foram discutidos em plenária final, com elaboração de novas sínteses, que resultaram no relatório final.

Os resultados foram apresentados no XV ENAREL, em mesa temática, e discutidos em Seminário final, pelo GPL.

Em relação ao método, como trajetória de raciocínio, foi trabalhado o materialismo-histórico-dialético, na concepção de Antonio Gramsci, em especial nos conceitos de hegemonia e contra-hegemonia e de intelectuais (GRAMSCI, 1979; 1981).

Lazer e Trabalho, no Cotidiano da “Sociedade Pós-Industrial”

O campo de luta pela criação de uma nova civilização é absolutamente misterioso, totalmente caracterizado pelo imprevisível e pelo imprevisto (GRAMSCI, 1921).

O primeiro aspecto que devemos ressaltar é que a análise de De Masi é a de um sociólogo do trabalho. Seu objeto de investigação é sempre a esfera das obrigações humanas. Isso fica mais claro em suas primeiras obras, quando o tema central ainda não é o ócio criativo. Posteriormente, quando essa categoria ocupa o eixo central da análise, mesmo assim é tratada tendo sempre como relação principal à categoria trabalho. Configura-se dessa forma, uma abordagem do lazer indireta (MARCELLINO, 2003a).

Talvez em decorrência disso, um segundo aspecto a destacar, é que os conceitos ligados ao lazer, como tempo livre, jogo e o próprio significado de lazer, não são em profundidade, no decorrer das obras. A categoria tempo não é aprofundada - as expressões tempo livre e tempo disponível são usadas praticamente como sinônimos (DE MASI, 2001a, p.18-19).

Mas a falta de cuidado com o aprofundamento nos conceitos pode ser verificada também com o significado de trabalho e sociedade pós-industrial, dois termos fundamentais na obra do autor: 1. no primeiro caso, não raro o conceito pode ser reduzido a emprego, e dá margem a interpretações polêmicas, como quando ao examinar o “beco sem saída” no qual o mercado oficial de trabalho foi lançado, De Masi, elenca entre os problemas da organização socioeconômica: “Como reeducar milhões de cidadãos do Primeiro Mundo, habituados a centralizar toda sua

vida no trabalho, para que aprendam a retroprojetá-la centralizando-a também no não trabalho?” (DE MASI, 2001b. p.19), e “Como reeducar bilhões de cidadãos do Terceiro Mundo, habituados a centralizar toda a sua vida no não-trabalho, para que aprendam a centralizá-la também no trabalho” (DE MASI, 2001b. p.20-21); 2. no segundo caso, o conceito é trabalhado sempre a partir da formulação de outros autores, tais como Daniel Bell, Alain Touraine, Alvin Tofler e Zsuzsa Hegedus. “Grosso modo”, e mais diretamente, com relação ao trabalho e ao lazer, “... estes traços consistem numa concentração dos trabalhadores no setor terciário, em relação aos trabalhadores na indústria e na agricultura; em um declínio dos modelos de vida associados à fábrica e à grande indústria; no surgimento de valores e culturas centrados no lazer: (...) em um declínio da luta de classe polarizada, substituída por uma polaridade de conflitos e movimentos, também devido a nova esperança de movimentos sociais (DE MASI, 1999b. p.48).

Com relação aos autores, vale destacar que a utilização dos conceitos não é feita no contexto de suas obras. Neste aspecto, chama a atenção o uso das obras de Lafargue e Russel, no decorrer dos escritos de De Masi, mas principalmente em A economia do Ócio (DE MASI, 2001a). Os textos são utilizados descontextualizados da crítica ao modo de produção capitalista, que os dois autores. Principalmente com relação ao panfleto de Lafargue, não é a denúncia engajada do trabalho alienado, nem a crítica do trabalho assalariado, à divisão social do trabalho e a luta de classes do modo de produção capitalista, pressupostos fundamentais do texto, que interessam a De Masi, mas simplesmente o elogio do que ele preferiu rebatizar de ócio. Rebatizar sim, pois “sabe-se, hoje, que Lafargue pensara, inicialmente, em intitular seu panfleto como direito ao lazer e, depois como direito ao ócio. “A escolha da preguiça não foi casual” explica Marilena Chaui, na Introdução de “O direito à preguiça (LAFARGUE, 1999. p.24), pois representava uma crítica a religião do trabalho com todas as suas implicações, e a preguiça, como sabemos, é um dos sete pecados capitais. Assim, os títulos dos textos de Lafargue e Russel foram deliberadamente mudados com intuito de colocar em evidência a relação com o tema do ócio. Partes dos textos foram removidos - em comparação com os textos completos (LAFARGUE, 1999; RUSSEL, 1977) - segundo De Masi por serem redundantes e desinteressantes.

Percebe-se ainda, de forma geral, uma falta de cuidado com a omissão de fontes e com a imprecisão de termos. Constantemente o autor cita estatísticas, sem apresentar os dados ou indicar as fontes como por exemplo em De Masi (2001b, p.11) ou, usa expressões vagas, como por exemplo: “nosso jovem tem diante de si um monte de tempo livre (Idem, sic!). Há também contradições e afirmações que não discute em profundidade sobre o desemprego, por exemplo, que “...será uma boa” (DE MASI, 1999c, p.60), ao mesmo tempo em que o apresenta como “uma das maiores desgraças do nosso tempo, tanto mais injusta quanto mais evitável (DE MASI, 2001b. p.26). Tece elogios às maravilhas da tecnologia, no decorrer da sua obra, e apresenta a Internet como a “quintessência da neurose americana”, na apresentação da coleção “Para ler na rede” (DE MASI, 2001a. p.7).

Um último ponto a destacar com relação a este aspecto prende-se ao fato de uma postura nem sempre sociológica De Masi, como por exemplo, quando se propõe a emitir parecer sobre a natureza do gesto do suicídio de Lafargue, interpretando sua última carta, que para ele, é “evidente”, e “não deixa dúvidas”: “diante da perspectiva de se tornar um peso para os demais, privando-os de seu próprio ócio, Lafargue escolhe a via ociosa de ir embora de fininho, junto com a linda companheira a quem sempre amou” (DE MASI, 2001a; 2001b. p.320-321).

Um terceiro aspecto a destacar é que, em todas as suas obras, o autor coloca o grande salto tecnológico que presenciamos e a transição de sociedade industrial para a sociedade pós-industrial, como marcas da nossa época.

Em quadro sinóptico comparativo das características das sociedades pré, pós e industrial, baseado em Daniel Bell, “acrescentando numerosos pontos surgidos do rico debate posterior sobre o tema” sem indicar as fontes, e aduzindo que “os vários pontos enumerados e comparados são tão simples que não precisam de maiores ilustrações” (DE MASI, 1999b. p.49); o lazer é apresentado como um dos setores econômicos dominantes na sociedade pós-industrial, e nas relações com o tempo/espço, em que a vida é baseada nessa esfera da vida social, em contraposição ao tempo de trabalho, que era característica da sociedade industrial. O lazer é destacado também como uma das vantagens da sociedade pós-industrial, ao lado da educação de massa, acesso às informações, invenção da natureza e redução da incerteza. Como desvantagens são destacados: manipulação, direção externa, controle externo, massificação, marginalização, desemprego e fadiga psíquica. No plano geral, elencando o que está em jogo e os conflitos sociais, são destacados na sociedade industrial a luta de classes e o conflito industrial, e na sociedade pós-industrial os movimentos sociais e conflitos urbanos. Em termos de estrutura de classes, na sociedade industrial surge, a burguesia, as classes médias e proletariado, e na sociedade pós-industrial, os dirigentes, os dominantes, e os contestadores, dominados (DE MASI, 1999b. p.49-52).

O quarto aspecto a destacar é que De Masi defende e prevê uma redução na jornada de trabalho e afirma que a população precisa ser reeducada para a liberação do trabalho e para as atividades criativas, e principalmente para o ócio criativo e ativo (DE MASI, 1999b).

Ao apresentar os “Conflitos sem classes” (DE MASI, 1999b. p.72), o autor parece negar a existência não só das classes, mas também dos próprios conflitos, uma vez que em “Homo faber, homo ludens”, afirma que “independentemente das formas de fruição do tempo livre, com certeza se reduzirá a quantidade de horas dedicadas ao trabalho formal e aumentará a integração entre atividades produtivas e reprodutivas mediante o trabalho doméstico, o consumo próprio o self-help etc. facilitados por aparelhagens técnicas cada vez mais miniaturizadas, simplificadas e aperfeiçoadas” (DE MASI, 1999b. p. 90).

Ao abordar as “Relações pós-industriais” De Masi prevê que “os conflitos do futuro se darão mais em torno da ‘mercadoria’ cultura das informações, da educação,

da ciência do que da apropriação da mais-valia econômica” (DE MASI, 1999b, p.90) como se o fato de colocar a mercadoria entre aspas, fizesse com que ela perdesse o seu significado econômico dentro das relações sociais, no modo de produção vigente.

Segundo o autor, o tempo livre representaria hoje, quase o triplo do tempo do trabalho: porém as pessoas têm trabalhado cada vez mais, devido à dificuldade em separar o trabalho do resto de suas vidas, principalmente os trabalhadores que desempenham tarefas intelectuais e criativas. Assim, na impossibilidade de separação entre essas categorias, advoga a necessidade de uma síntese equilibrada, a que chama de ócio criativo.

Para os trabalhadores que desempenham tarefas flexíveis, intelectuais e criativas é objetivamente difícil separar o trabalho do resto de suas vidas (...) Não mais se trata de expansão do horário de trabalho, mas sim de uma mistura inextricável entre trabalho e a vida(...). Na impossibilidade de separá-las, mais vale conjugar essas duas categorias unindo-as numa síntese equilibrada e feliz, traduzindo-as nisso que eu chamo de ‘ócio criativo’ (DE MASI, 2001a. p.25-26).

Não trata assim da totalidade dos trabalhadores, mas de uma parcela específica deles. Algumas questões, no entanto podem ser colocadas: A quantos seria possível tal conciliação? Ainda hoje é admissível a separação entre trabalho manual e intelectual? A quantos trabalhadores é dada a oportunidade de escolha da profissão? Será que a idéia do trabalho permeado pelo lazer é uma possibilidade no cotidiano mesmo para o operário da sociedade pós-industrial?

Essa preocupação com uma parcela apenas dos trabalhadores está presente desde as primeiras obras do autor, de uma perspectiva instrumental organizacional:

... com o irromper tumultuoso da sociedade pós-industrial, torna-se crucial um problema das mais ousadas proporções: como estender e melhorar a organização do trabalho criativo – principalmente aquele desenvolvido de forma coletiva – de que necessitam os cientistas, os estilistas, os diretores de teatro, e de cinema, os diretores de escolas, de museus, os organizadores do lazer, os administradores dos bens socioculturais, todos os gerentes empenhados em marketing, relações públicas, publicidade, setores e tarefas inovadoras. Diante do problema, de nada adiantam, senão em mínima escala, os modelos experimentados por Taylor, Ford e outros inumeráveis mestres da organização industrial (DE MASI, 1999a. p. 172).

O quinto ponto que deve ser ressaltado, presente em toda a obra de De Masi, é a crença no progresso tecnológico libertador do ser humano. Coloca que na sociedade pós-industrial, a cultura deverá prevalecer sobre a natureza, e que o ser humano, “serenamente e sem complexos de culpa”, poderá finalmente” ...delegar

às máquinas não só o esforço físico mas também a parte mais tediosa do trabalho intelectual” (DE MASI, 2001b. p.332).

O trabalho não deverá preponderar sobre o ócio, na sociedade pós-industrial, ou sobre os prazeres da vida, e a proposta do autor é a conciliação dessas duas esferas da vida humana, para que o trabalho possa ser criativo, produtivo e pensado em tempo integral, sem, no entanto, impedir o usufruto do tempo livre (DE MASI, 2001a).

A medida que suas obras vão se desenvolvendo, mais vai se tornando presente, o propósito de “desencantar o conceito de trabalho, muito idolatrado, e valorizar o conceito de ócio, muito subestimado” (DE MASI, 2001b. p.347).

O sexto aspecto a destacar é que o ócio é ressaltado de uma perspectiva instrumental, relativamente ao trabalho, ou fonte de redenção e renovador da condição humana:

Na organização criativa, o absentismo não é mais um fato físico, mas um fato psíquico: não pode ser combatido com controles disciplinares, mas com o ócio e a motivação. Eis, portanto, que desponta o ócio como fator central da economia moderna; num mercado pós-industrial que consome idéias com a mesma voracidade com que o mercado industrial engolia produtos e que pretende uma criatividade inexaurível, a capacidade criativa pode ser incrementada apenas através de uma reavaliação do ócio, que permite regenerar a mente assim como a inércia física regenerava os músculos (DE MASI, 2000. p.311).

O sétimo ponto a destacar são as características do lazer, nas suas relações com o trabalho, variando de acordo com os tipos de sociedade, visto nas pré-industriais de forma personalizada e confundindo-se com outros momentos da vida cotidiana, uma vez que os trabalhadores se organizavam em pequenas células produtivas. Nas sociedades industriais, passando a atividades massificadas e anômicas, das grandes massas de trabalhadores, voltando a assumir características do primeiro período, sociedade pós-industrial, levando em conta a possibilidade de integração dos usuários à distância, uma vez o que o trabalho retornaria às residenciais, através dos serviços on-line (DE MASI, 1999b). Aponta ainda para o teletrabalho como uma das possibilidades de libertação do ambiente tradicional, e considera o “*part time*”, como talvez a única forma de redistribuição do trabalho, que trará efeitos positivos, dando empregos a quem não tem, e propiciando uma maior vivência do ócio criativo (DE MASI, 2000).

Convidado a fazer uma viagem pelos continentes em busca do lugar onde se encontraria o ócio criativo, o autor desembarca no Brasil, pois “em nenhum outro país do mundo a sensualidade, a oralidade, a alegria e a inclusividade conseguem conviver numa síntese tão incandescente” (DE MASI, 2000b. p.335). Sua descrição, mais uma vez não é feita a partir da sociologia, mas sim de uma visão “turística” estereotipada.

Na sociedade pós-industrial, o trabalho não representaria mais a categoria central na vida das pessoas, pois seria o tempo livre e a capacidade de valorizá-lo que indicariam o destino cultural e até mesmo econômico das pessoas (DE MASI, 2001a). “A contraposição entre o trabalho e o ócio, ou entre o trabalho e o lazer, só faz sentido em relação às velhas tarefas executivas...” (2000a, p.14-15).

Como consequência do tempo sem trabalho ocupar um espaço cada vez mais central na vida das pessoas, surge a preocupação com a educação para o tempo livre:

... é preciso, então, reprojeter a família, a escola, a vida, em função não só do trabalho mas também do tempo livre, de modo que ele não degenera em dissipação e agressividade mas se resolva em convivência pacífica e ócio criativo. É preciso criar uma nova condição existencial em que estudo, trabalho, Tempo livre e atividades voluntárias cada vez mais se entrelacem e se potencializem reciprocamente (DE MASI, 2001b, p. 25).

Ao esclarecer a questão da educação para o lazer, desvinculada do consumo, a partir de provocação de Bologna, De Masi propõe que o lazer possa contemplar opções que nada custam do ponto de vista financeiro (BOLOGNA, 2002) e faz outras propostas interessantes (DE MASI, 2001b, p.85-96):

Um outro valor a ser ensinado aos jovens é o ócio criativo, ou seja a capacidade, hoje fundamental de não separar o trabalho do estudo e do tempo livre, como antes se fazia na sociedade industrial, mas de unir essas três coisas, isto é, conseguir trabalhar para produzir riqueza e, concomitantemente, estudar para produzir conhecimento e divertir-se para produzir alegria (BOLOGNA, 2002, p. 85).

A partir daí surge o oitavo e último ponto a ser destacado, a “convocação” de operários, empregados, executivos, profissionais, dirigentes, proprietários, consumidores, para a organização pós-industrial, ou seja, uma “completa e radical transformação mental” (DE MASI, 2001b, p.326),

para que as partes hoje em concorrência desviem o seu interesse do antagonismo desapiedado e do excessivo aumento do surplus já garantido pelas máquinas e pelo Terceiro Mundo) para concentrar os seus esforços na realização de um grande pacto social, indispensável para redistribuir o trabalho, a riqueza, o saber e o poder, para criar um sistema cooperativo internacional, capaz de assegurar a todos uma vida mais longa e de melhor qualidade (DE MASI, 2001b, p.327).

Mas, para que se possa “perceber as admiráveis perspectivas do advento da era pós-industrial”, De Masi recomenda “uma profunda transformação interior, individual e coletiva” (DE MASI, 1999b. p. 97), segundo o autor uma mudança de mentalidade. “...o desemprego crescente, a difusão da violência e da ilegalidade, levando a pensar na decomposição da velha sociedade mais do que no nascimento de uma sociedade nova”, são caracterizados como “...disfunções paradoxais (que) podem ser superadas com uma transformação radical do tempo livre e com uma rápida reciclagem dos cidadãos, capacitando-os para basear nele – e não na atividade assalariada – a primeira formação e a própria vida.” (DE MASI, 1999b. p.97).

De Masi discute a necessidade de se substituir a “falta de sabedoria característica da sociedade industrial e consumista, totalmente inclinada para o poder e o dinheiro, o sucesso e a competitividade”, numa sociedade pós-industrial que deveria ser estruturada por valores de “introspeção, amizade, amor, divertimento, beleza, convivência, solidariedade, criatividade” (BOLOGNA, 2002. p.84), mas não apresenta as condições materiais para essa mudança. E não o faz, mesmo quando fala da luta pela liberdade e pela justiça social, ou na substituição da “ordem e progresso” da nossa bandeira, pela “liberdade e progresso”, dos “condenados da terra em marcha rumo à felicidade” (DE MASI, 1999b. p.97.), o que acaba por transformar as suas palavras em resvalos para “discurso vazio”.

Considerações Finais

Talvez, para o âmbito do nosso trabalho, a principal contribuição de De Masi, seja “desencantar” o conceito de trabalho, e “valorizar” o conceito de ócio, e assim, de modo indireto, o de lazer. A grande questão é como isso é feito.

Mas, será que para “valorizar o conceito de ócio” é preciso “desencantar” o conceito de trabalho? Para nós lazer e trabalho são complementares, como esferas da atividade humana, que dão significado e sentido ao existir. Nesse aspecto De Masi situa-se na contramão dos autores da Sociologia do Trabalho, que normalmente, sem conceituar lazer contrapõem, na sua análise, lazer concreto, a trabalho ideal, em contrapartida aos autores da Sociologia do Lazer, que na sua maioria, contrapõem lazer ideal, a trabalho concreto. Somos partidários da comparação entre categorias concretas entre si, e categorias do devir entre si. Só assim as comparações podem ser estabelecidas de fato.

Mas, será que para “valorizar o conceito de ócio” é preciso instrumentalizá-lo na perspectiva da produtividade, e assim o negócio não seria mais a negação do ócio, mas a sua afirmação? Nesse sentido, as propostas de De Masi com relação à humanização dos ambientes de trabalho, e mesmo do convívio familiar são valiosas, tendo em vista os valores vigentes na nossa sociedade, mas carregam um forte carga instrumental, com relação ao aumento da produtividade, reforçando, assim, esses valores. As propostas do ócio criativo, estão muito ligadas à produtividade, entendida sobretudo do ponto de vista da produção econômica de bens e serviços.

As propostas de De Masi com relação a educação para o lazer, ou educação para o ócio criativo poderiam ser interessantes, mas, carregam forte cunho “idealista”, pois nelas a Educação e a Escola apresentam-se desvinculadas da realidade social como um todo, e da construção de um projeto de sociedade, onde lazer e ócio desempenhem um outro papel, dentro de uma nova ordem social, socialmente distribuídos com justiça.

Conforme colocado, anteriormente, percebe-se assim, uma abordagem indireta do lazer, nas suas relações com o trabalho, no cotidiano da sociedade chamada por De Masi de pós-industrial, abordagem essa marcada por valores “funcionalistas”, nas nuances “utilitarista” e “compensatória” (MARCELLINO, 2003a), O entendimento do lazer se dá portanto, na sua “especificidade abstrata” (MARCELLINO, 1992), com base na concepção idealista de sociedade e na crença ingênua no progresso tecnológico. Isso contribui para reforçar, ainda mais uma ação que colabora para a manutenção do “status quo”, uma vez que, entre outros aspectos, não leva em conta o contexto mais amplo e, assim, deixa de considerar o “todo inibidor” para o lazer - o conjunto de barreiras inter e intra-classes, que tendo como pano de fundo a questão socio-econômica, provoca as desigualdades quantitativas e qualitativas na sua apropriação..

O que se espera do futuro comporta pelo menos dois exercícios de abordagens – o de futurologia e o da esperança, manifestada na Utopia. Pelas idéias expostas, De Masi opta pelo primeiro, na sua vinculação trabalho/lazer, ou trabalho/ócio, ao colocar a instauração de uma civilização do ócio, já vislumbrada por Dumazedier, (1973a; 1973b; 1977) com o nome de civilização do lazer, um dos seus apologistas, inclusive em textos mais recentes, como em “Eloge de la folie”(1990).

Coincidentemente, os dois autores foram divulgados, no Brasil, principalmente a partir da mesma instituição, o SESC, Serviço Social do Comércio, vinculado ao patronato comercial - Dumazedier, nas décadas de 70 e 80, e De Masi; na década de 90. A ligação com o patronato também está explicitada no curriculum de De Masi, nas consultorias às grandes empresas internacionais.

“Pragmatismo prospectivo”, é assim que Rubem Alves caracteriza a futurologia. Isso porque o seu pressuposto básico é que a forma do mundo futuro será resultado das tendências verificadas no presente. Assim, nesse exercício, “a partir das condições dominantes do poder, projeta-se um futuro no qual o presente é preservado e aumentado, ao mesmo tempo em que os elementos disfuncionais que agora resistem são dele eliminados. E isso implica, por detrás da organização do poder em bases materiais, a conquista da imaginação, de tal modo que o homem acabe por amar o futuro que lhe está sendo destinado” (ALVES, 1986. p.45). Parece assim que a futurologia poderia ser caracterizada como um recurso ideológico “funcionalista”, de modo geral, e também quando o assunto é o lazer.

Lazer e trabalho estão ligados no plano cultural, mas essa ligação se dá a partir da infra estrutura e isso não pode ser ignorado. Como uma sociedade que tem

em sua lógica interna a acumulação de capital viabilizará um intenso processo de diminuição de trabalho, sem diminuição de salários? Não há dúvidas que as novas tecnologias afetam de modo direto o trabalho humano, mas não se tem clareza ou unanimidade sobre os efeitos na transformação do trabalho. Não podemos deixar de considerar que a tecnologia é produzida socialmente e tem fortes componentes políticos.

Futurologia ou utopia? O que se espera no futuro comporta, pelo menos dois exercícios de abordagens (MARCELLINO, 2003b) – o de futurologia e o da esperança, manifestada na utopia. Pela citação de Gramsci, colocada na epígrafe, é fácil perceber nossa opção pela Utopia, por uma nova cultura e uma nova sociedade, cujas características são avanços e recuos, num processo dinâmico incompatível com modelos preestabelecidos, e com a perpetuação da organização social vigente.

A relação trabalho x lazer, não pode ser reduzida a questões organizacionais, ou a mudanças de mentalidade. Inclui esses aspectos, e uma ampla reforma moral e intelectual; mas isso é apenas o começo da alteração da ordem social vigente sem a qual uma outra sociedade não poderá se instaurar. A busca de uma nova hegemonia supõe a luta contra hegemônica, e a formação de novo bloco histórico. Sem essas categorias não faz sentido trabalhar a contradição possibilitada pelo lazer dentro da nossa sociedade: a de gerar valores contestadores da própria dinâmica que o engendrou, historicamente, e com eficiência, porque com prazer e com alegria.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. Campinas: Papyrus, 1986.
- BOLOGNA, José Ernesto; DE MASI, Domênico; FREI BETTO. *Diálogos Criativos*. São Paulo: DeLeitura Editora, 2002.
- DE MASI, Domenico. *A emoção e a regra*. Rio/Brasília: J. Olympio/UNB, 1999a.
- DE MASI, Domenico. *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: SENAC, 1999b.
- DE MASI, Domenico. *Desenvolvimento sem trabalho*. São Paulo: Esfera Editora, 1999c.
- DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DE MASI, Domenico. *A economia do ócio*. 2 ed. Rio: Sextante, 2001a.
- DE MASI, Domenico. *O futuro do trabalho*. 6 ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/UNB, 2001b.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1973a.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. S.Paulo: Perspectiva, 1973b.

DUMAZEDIER, Joffre. A revolução cultural do lazer nos centros urbanos. *Cadernos de lazer*. São Paulo. Sesc/Brasiliense, (1):43-52, 1977.

DUMAZEDIER, Joffre. New "eloge de la folie". *World leisure & recreation*. Vol.32, n.4. 1990: 6-10.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1999.

MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*. 10 ed. Campinas: Papyrus, 2003 a.

MARCELLINO, Nelson C. Perspectivas para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia? In: MOREIRA, Wagner W. (Org.). *Educação Física e Esportes: Perspectivas para o século XXI*. 10 ed. Campinas: Papyrus, 2003b.

MARCELLINO, Nelson C. O lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 12 (1,2,3), p.313-317, 1992.

RUSSEL. B. *Elogio do Lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21 ed. São.Paulo: Cortez/Autores Associados, 2000.

ABSTRACT: Resulted from bibliographic research, accomplished from the work of De Masi, the article sets out to reflect about the relationship between leisure/work in society's daily life. De Masi is presented as a work sociologist, who deals with matters related to idleness and, indirectly, to leisure, and whose work has had great repercussion in Brazil, acting as a basis to fields of leisure, education and physical education. Some topics highlighted are the great technological leap and transaction from the industrial society to a society that he calls pos-industrial, the prevision of reduction of working hours and the need of reeducation for the release of work and for a creative idleness, based on the belief of technological progress as the human's deliverer. Idleness is detached from an instrumental perspective, related to work. The characteristics of leisure vary according to the types of society. In the pos-industrial society, work would not represent the central category, for the spare time and the

capacity of appreciating it are what would indicate the cultural, or even economical destiny of the people. The author preaches a “pos-industrial organization”, or a “complete and radical mental transformation”. It is concluded with an indirect approach to leisure, marked by “functionalist” values on the “utilitarian” and “compensatory” nuances. The understanding of leisure is given in its abstract specification, based on the idealistic conception of society.

KEYWORDS: Leisure. Work. Idleness.

Endereço do Autor:

Nelson Carvalho Marcellino

Mestrado em Educação Física – FACIS/Unimep

Caixa Postal 68

Rod. Do Açúcar km 156 – Taquaral

Piracicaba – SP – 13400-911

Endereço Eletrônico: nmarcel@unimep.br

Recebido em: 30/08/2004

Aceito em: 07/10/2004